

3.

A antropologia das emoções e o Facebook

De que forma e onde começa uma amizade? Quem primeiro definiu essa relação? Sêga (2011) explica que nas sociedades pré-modernas a amizade era uma extensão da comunidade local e do parentesco, era institucionalizada e estava baseada na solidariedade de sangue ou nos companheiros de armas. Rezende (2002) aponta que na literatura das Ciências Sociais, o tema amizade muitas vezes teve sua validade questionada, em particular na Antropologia e na Sociologia. Já para a Filosofia, continua a autora, a amizade sempre teria ocupado um espaço essencial naquilo que deveria ser levado em conta para uma vida bem realizada. Rezende afirma que na filosofia de Aristóteles, “a amizade era mesmo essencial à ética, pois apenas as pessoas boas e virtuosas seriam amigas no sentido mais pleno do termo” (Rezende, 2002, p.18).

É possível encontrar entre a obra de Aristóteles algumas passagens sobre a amizade:

i) é amigo aquele que ama e é amado em retorno. As pessoas que julgam encontrar-se nestas disposições reciprocamente julgam ser amigas; ii) estamos igualmente unidos pela amizade quando os bens e os males são comuns; iii) mostra-se verdadeiramente amigo o homem que quer para o ser amado aquilo que quer para si; iv) as espécies de amizade são: a camaradagem, a familiaridade, o parentesco e as ligações do mesmo gênero. O que produz a amizade é a benevolência, os serviços prestados sem que tenham sido solicitados e sem que posteriormente sejam publicados; nestas condições, tais serviços foram prestados apenas em atenção ao beneficiado, e não por outro motivo. (Aristóteles, 2000, p.126)

Ao longo dos séculos, a amizade recebeu novas configurações em consequência das transformações por que passaram as sociedades. Algumas das mais relevantes delas foram trazidas pela modernidade, quando nasce o indivíduo que é deslocado para o centro das questões históricas e sociais, o ser para quem o individualismo prevaleceria sobre qualquer estrutura social. Para Rezende (2002), a partir do cristianismo, a amizade deixou de ser tratada como ideal ético até ser vista, a partir do século XVIII, como um sentimento natural, uma relação estritamente pessoal, de cunho afetivo e não condicionada a princípios sociais.

Esse fato fez com que, durante muito tempo, a amizade fosse abordada como tema da psicologia, pois “seria por demais informal e emotiva para ter

alguma importância estrutural ou funcionalidade para a sociedade, como era o caso das relações de família e parentesco” (Rezende, 2002,19). Por esse motivo mesmo é que são raros materiais e estudos acerca do tema, inclusive porque até o final da década de 1950 ela foi tratada como assunto periférico na Antropologia, segundo atesta Rezende. Para esta, é somente a partir da década de 1990 que surgem estudos mais detalhados sobre a amizade. Eles foram divididos em dois grupos de acordo com seu recorte teórico-metodológico:

Alguns partem de uma definição preestabelecida de amizade para mostrar como a relação é afetada por variáveis sociológicas como gênero, fase de vida, classe etc. Outros tomam-na como objeto de representações histórica e culturalmente elaboradas e, portanto, variadas. (Rezende, 2002, p.21)

O trabalho em que é possível encontrar mais referências históricas sobre a amizade descreve como era essa relação entre os séculos XVIII e XIX e é de Anne Vincent-Buffault. Ela analisou diversos textos sobre o tema, desde obras com abordagens filosóficas, relações de civilidade, regras de comportamentos sociais até o engajamento político da amizade, confirmado no pensamento de Aristóteles. Para Vincent-Buffault (1996), os indivíduos buscam identificação entre si, e a amizade oferece os referenciais necessários para essa identificação, como nas relações sociais e na interação dentro dos aspectos da amizade que serão abordados nesta pesquisa.

3.1. Interações e relações sociais mediadas pelo computador

Entre os indivíduos da era anterior à modernidade aos indivíduos contemporâneos, ocorreram significativas mudanças nas estruturas da ordem social na qual eles estavam inseridos, e até mesmo psicológicas, que gradativamente transformaram também as relações e a interação entre eles. Hall (1999) acredita que a grande mudança se deu entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representando uma ruptura importante em relação ao passado, sendo esse o ponto crucial para colocar em ação todo o sistema social da modernidade. Nessa primeira fase, para o autor, ocorre o nascimento “do sujeito soberano”, conceptualizado a partir de importantes movimentos na sociedade:

a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada. (HALL, 1999, p.26)

No entanto, o autor acredita que, a partir do final do século XVIII, à medida que as sociedades iam se tornando mais complexas, também foram adquirindo uma forma mais coletiva e social. E seguindo essa vertente, surge então uma concepção mais social também do sujeito. Agora, ele está localizado dentro das estruturas que sustentam a sociedade moderna. Com isso, as antigas teorias clássicas liberais, baseadas no individualismo, viram-se diante da obrigação de se adaptar às estruturas do estado-nação para atender aos anseios das massas que fazem parte de uma democracia moderna. Dentro deste quadro, dois importantes eventos ainda contribuíram para designar esse sujeito moderno, que vai se acomodando dentro da estrutura social em transformação, sendo um deles o fato de que “o sujeito foi ‘biologizado’ – a razão tinha uma base na Natureza e a mente um ‘fundamento’ no desenvolvimento físico do cérebro humano” (Hall, 1999, p.30). Essa teria sido uma consequência do surgimento da Biologia Darwiniana¹⁷. O segundo evento teria sido o surgimento das novas Ciências Sociais, que, para Hall, baseado no dualismo típico do pensamento cartesiano, institui a divisão entre a psicologia e a sociologia, quando a partir de então “o estudo do indivíduo e de seus processos mentais tornou-se o objeto de estudo especial e privilegiado da psicologia” (Hall, 1999, p.31).

Esse último fato atesta as afirmações anteriores de Rezende (2002), citadas nesta pesquisa, sobre o espaço reservado aos estudos sobre a amizade nesse período e a razão pela qual não é simples encontrar referências sobre o tema, muitas vezes preterido pela Sociologia e pela própria Psicologia. Naquele momento, a Sociologia, segundo Hall, volta-se para a crítica do “‘individualismo racional’ do sujeito cartesiano” (Hall, 1999, p.31), que estaria inserido em

¹⁷ “Charles Robert Darwin foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia”. Fonte: Wikipedia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin

processos de grupo e normas coletivas que prevaleciam sobre quaisquer contratos individuais, estabelecendo que os indivíduos são formados subjetivamente através de relações sociais mais amplas, mas que ao mesmo tempo, inversamente, as estruturas e os processos sociais são sustentados pelos papéis que os indivíduos desempenham neles. “Essa ‘internalização do exterior no sujeito, e essa ‘externalização’ do interior, através da ação no mundo social, constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno (...)” (Hall, 1999, P.31).

Para Hall, a integração do indivíduo na sociedade sempre fora uma preocupação de longa data da Sociologia e esse era o momento propício para expansão e realização desse desejo. São desse período os primeiros estudos chamados interacionais, como os de Goffman, preocupados em entender como o “eu” do indivíduo se apresenta de acordo com as diferentes situações sociais, e como um possível conflito entre esses papéis é negociado. Para Goffman (2008), cada pessoa representa um papel, como num teatro, e esse papel, por sua vez, deve revelar um “eu” apropriado para cada ocasião e, ao mesmo tempo, esconder um *self* que, se revelado, poderia prejudicar o propósito do ator por trás de cada papel.

Primo explica que a definição de relação social que se tornou um dos pilares da teoria sociológica é de Weber: “a situação em que duas ou mais pessoas estão empenhadas em uma conduta onde cada qual leva em conta o comportamento da outra de uma maneira significativa, estando portanto orientadas nestes termos” (Primo, 2007, p.76). Para este autor, o caráter social do contato entre os seres humanos se comprova somente quando a ação de um indivíduo é orientada para a de outro. Já Georg Simmel (1986 *apud* Primo 2007, p.76) analisa o fenômeno social a partir do pressuposto da interação, em que a sociedade só existe dentro de um quadro em que os indivíduos sempre reagem uns aos outros reciprocamente. Na interação, para Simmel, os indivíduos agem de acordo com um conteúdo – interesses e motivações – e uma forma, que está baseada na relação constituída na influência de uns sobre os outros.

Tanto Weber, quanto Simmel e Goffman abordaram as relações sociais com ênfase no relacionamento mútuo, numa reciprocidade na interação. Esse conceito é importante e irá relacionar-se com parte desta pesquisa, pois é a partir da compreensão da interação sob o ponto de vista da reciprocidade que seguiremos

em direção à evolução do interacionismo nas relações mediadas pelo computador contemporaneamente, nesse caso especificamente a amizade. Tomada como parte de relações sociais e ao mesmo tempo um sentimento, sob o aspecto da antropologia das emoções, aqui, a amizade será analisada nesses ambientes através dessa perspectiva da interação, em que os indivíduos exercem influência uns sobre os outros e que a relação é constituída de forma recíproca, o que nos levará até a análise da expressão desse sentimento dentro do código comum de uma linguagem encontrada no ambiente de um site de rede social, o Facebook.

A crítica de Primo para compreender os aspectos da interação nas condições em que ela é mediada pelo computador, dentro da Comunicação Social, se faz sobre estudos anteriores em que “o destaque atomístico e descontextualizado do comportamento individual” (Primo, 2007, p.74) que traz como consequência “a miopia do tecnicismo e o foco psicologizante que isola o indivíduo” se opõe à análise da inter-relação entre as partes durante o processo interativo, ou seja, aquele em que “passa-se a valorizar a totalidade sistêmica.” (Primo, 2007, p.74). Levando em consideração que esta pesquisa aborda a interação com foco na amizade dentro de um site de rede social, outra perspectiva que deve ser localizada dentro deste estudo também é a da análise da dinâmica entre as partes de forma sistêmica nos estudos de redes sociais. Recuero (2009) aponta que para entender um fenômeno nesses casos é necessário observar não apenas suas partes, mas suas partes em interação.

Essa abordagem oferece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço: permite estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais; suas dinâmicas, tais como a criação de capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo, as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos. (Recuero, 2009, p.21)

Dessa maneira, após localizar o indivíduo a partir do cenário da modernidade, as transformações provocadas sobre o “eu” e suas consequências dentro das relações sociais, partiremos para buscar compreender de que forma estão estruturadas as relações na contemporaneidade e como se configuram as interações através da comunicação mediada pelo computador. Sob os aspectos da interação recíproca e da análise sistêmica das partes que interagem, o foco desta pesquisa a partir daqui se coloca sobre a linguagem como elemento fundamental da relação e como um código capaz de expressar sentimentos como a amizade.

Esta será analisada em contextos relacionais anteriores ao surgimento dos sites de redes sociais na internet para tentar identificar de quais formas essa linguagem da amizade se constitui em um ambiente como o Facebook.

O objetivo principal será demonstrar a dinâmica dessa relação expressa como um sentimento, sob a ótica da antropologia das emoções, através da estrutura de um site de rede social, e como este permite desenvolver tal linguagem através de códigos explícitos, ou não, em suas funcionalidades e características exploradas por seus usuários. Para embasar essa abordagem, antes, será necessário um breve histórico de como o indivíduo, seu “eu”, modificou-se entre os quadros da modernidade à pós-modernidade, a fim de buscar compreender como agora as relações podem ocorrer num contexto interacional de ambientes, onde ferramentas de comunicação, como os sites de redes sociais, são apropriadas para expressão desse mesmo “eu”, e como nessa expressão a amizade se realiza.

3.2. A globalização e o sujeito individualista

Hall acredita que uma das principais características da ordem social na pós-modernidade é decorrente da globalização, um complexo de processos e forças de mudanças. Dentro da globalização estariam processos atuantes numa escala global, que desfazem as fronteiras nacionais para interconectar as comunidades e as organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, por sua vez, totalmente interconectado. Para o autor, essa compressão do espaço-tempo provoca a “aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor, (...) que os eventos em um determinado lugar têm impacto imediato sobre pessoas e lugares a uma grande distância”. (Hall, 1999, p.69)

Segundo o autor, a principal consequência da globalização sobre os indivíduos está na transformação que essas mudanças provocam sobre suas identidades, sobre o “eu”. Ele acredita que o tempo e o espaço são as coordenadas básicas de todo os sistemas de representação. “Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais”. (Hall, 1999, p.70). Por esse motivo, a moldagem e remodelagem das relações entre espaço e tempo na pós-modernidade provocam efeitos sobre a

forma como as identidades são localizadas e representadas, visto que elas estão profundamente envolvidas no processo de representação, conclui Hall. É esta uma das primeiras características da sociedade pós-moderna que serão descritas a seguir. Sua relevância para esta pesquisa está diretamente relacionada ao fato de ser parte do cenário em que está inserido o indivíduo pós-moderno, que será analisado interagindo através de uma ferramenta de comunicação mediada pelo computador. Logo, é importante compreender de que são feitas essas partes em interação na análise que se seguirá.

Giddens acredita que nesse mesmo período houve também a globalização da atividade social, impulsionada pela modernidade e que produziu um processo de desenvolvimento de laços genuinamente mundiais. “A globalização diz respeito à interseção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais ‘à distância’ com contextualidades locais” (Giddens, 20002, p.27). Somada ao aspecto anterior da pós-modernidade descrito, essa característica pode ser relacionada com a estrutura das relações, ou conexões, estabelecidas entre os indivíduos através de um site de rede social, por exemplo. Embora a descrição de Giddens aponte para algo muito maior, no sentido de relações globais que envolvem até mesmo nações, é possível enxergar essa mesma ideia dentro do micro ambiente que está sendo analisado nesta pesquisa através do Facebook. Neste site, a presença não necessariamente é física, como descreveu Goffman (2008) no seu modelo de interação face a face, mas pode ser percebida através da caracterização dos atores na rede social online com a apropriação que fazem do espaço para a constituição de um “eu”, com a construção de seus perfis e do que esses representam para as outras partes em interação. Ou seja, a globalização, como é vista tanto por Hall quanto por Giddens, poderia estar provocando desdobramentos nas formas de interação.

Giddens também apresenta algumas circunstâncias da sociedade pós-moderna, ou da “alta modernidade”, com as quais os indivíduos precisam lidar diariamente e que influenciam diretamente sobre suas relações sociais. Para ele, essas circunstâncias são consequência da pluralidade de escolhas que se colocam diante dos indivíduos. A primeira delas é “viver numa ordem pós-tradicional” que os confronta. “Agir num mundo de escolhas plurais, envolver-se com ele, é optar

por alternativas, tendo em vista que os sinais estabelecidos pela tradição estão agora em branco” (Giddens, 2002, p.81). Em seguida, o autor traz a “pluralização de mundos de vida”, uma mudança em relação aos ambientes sociais em que circulam e convivem. Antes, vivia-se “dentro de um conjunto de ambientes comparáveis” (Giddens, 2002, p.81), que englobavam a família, os locais de lazer e de trabalho, entre outros. Agora, os ambientes nessa nova estrutura em que se encontra o indivíduo são muito mais diversos e segmentados. Dessa forma, é preciso tomar decisões, fazer escolhas o tempo inteiro, sendo elas cada vez mais plurais e diversas. E, ao mesmo tempo, perceber como parte dessas escolhas também está relacionada à circulação entre os segmentados ambientes que se constroem a partir de então.

Outra circunstância relacionada pelo autor é o “impacto existencial da natureza contextual das crenças garantidas nas condições da modernidade” (Giddens, 2002, p.82). Isso significa que, ao contrário do que se possa esperar, a modernidade não opera em situações de certeza, mas sim, faz prevalecer a “dúvida metódica.” “(...) os sistemas abstratos que tanto penetram na vida cotidiana normalmente oferecem múltiplas possibilidades em vez de fornecer guias ou receitas fixas de ação.” (Giddens, 2002, p.82). Por fim, Giddens destaca a “prevalência da experiência transmitida através da mídia.” Para ele, a mídia tem dado aos indivíduos cada vez mais informações sobre performances que acontecem em lugares diferentes, distantes de onde eles estão, fazendo com que se tornem audiências que não estão “fisicamente presentes”. “Como resultado, a ligação tradicional entre ‘ambiente físico’ e ‘situação social’ foi solapada; situações sociais que vêm pela mídia constroem novas semelhanças – e diferenças – entre formas pré-constituídas de experiência social.” (Giddens, 2002, p.83).

Essas também são duas circunstâncias que estão incluídas no desenvolvimento desta pesquisa, visto que, por exemplo, estar num site de rede social é uma escolha, dentro do qual você também faz escolhas, como aquelas entre aceitar a conexão com um novo amigo ou não, o que deve compartilhar, como retribuir o que recebe etc. Há ainda a questão de se deparar a todo instante com situações novas, para as quais nem sempre há referenciais que auxiliem sobre como agir. Além disso, um site como o Facebook permite conexões com outras

pessoas e organizações em qualquer parte do mundo, de quem você certamente irá receber informações, dados, notícias e com os quais irá se aproximar lendo, comentando, curtindo, compartilhando etc. E sobre essas quatro circunstâncias, para o embasamento desta pesquisa, será analisada ainda a dinâmica que justifica como elas estão ligadas à “forma” e ao “conteúdo” das relações sociais, sobretudo a amizade.

Giddens credita também à pluralidade de escolhas as relações com os outros, “à transformação da intimidade”. (Giddens, 2002, p.85). Ele explica que os gregos não usavam uma palavra para designar “amigo” no sentido em que a palavra é conhecida hoje. Para eles, *philos* era a denominação para referir-se aos mais próximos e mais queridos, independente de serem parentes, afins ou de qualquer relação consanguínea. “A rede de *philos* de uma pessoa era basicamente dada pela posição social do indivíduo; havia pouco espaço para escolha espontânea.” (Giddens, 2002, p.85). Do contrário, nos sistemas da modernidade, continua o autor, é característico que os amigos sejam escolhidos voluntariamente dentre as diversas possibilidades que são oferecidas aos indivíduos. Ele explica que quando esses laços são livremente escolhidos, na “alta modernidade”, é possível considerar essa relação como o que ele chama de uma “pura relação”, aquela em que há elementos centrais envolvidos numa relação íntima e emocionalmente exigente, como é o caso da amizade.

A moderna amizade expõe essa característica de maneira ainda mais clara. Um amigo é definido especificamente como alguém com quem se tem uma relação que não depende de nada mais que das recompensas que essa relação oferece. É possível tornar-se amigo de um colega, e a proximidade no trabalho ou o interesse compartilhado gerado pelo trabalho podem estimular a amizade – mas ela só será uma amizade se a ligação com a outra pessoa for valorizada em si mesma. (GIDDENS, 2002, p.87)

Partindo desse aporte teórico para compreender o indivíduo, sua relação com e dentro da estrutura social pós-moderna, seguiremos para explorar a interação na amizade dentro do contexto da comunicação mediada pelo computador. Para isso, são apresentadas a seguir algumas hipóteses acerca desse particular tipo de interação, que, embora específica, tem sido a responsável pela criação e até manutenção de laços sociais em muitas relações contemporâneas, incluindo a amizade.

3.3.

Interações sociais e a expressão dos sentimentos

Enquanto na primeira metade do século XX as preocupações tecnológicas do homem estavam em conquistar o espaço, na segunda metade, o homem preocupou-se em conquistar o tempo. As novas tecnologias de comunicação buscam novas formas de relacionamento social enfrentando alguns desafios. Entre esses está o de manter a presença contínua da consciência crítica social, política e econômica face a tantas informações vindas de diferentes pontos de emissão. (SÊGA, 2011, p.117).

A ideia defendida pela autora corrobora com aquelas circunstâncias enumeradas por Giddens. De fato, as novas tecnologias de comunicação, apropriadas pelos indivíduos para promover a interação mediada pelo computador, requerem atenção sobre as questões da presença versus a ausência nas relações sociais. Essas ferramentas são capazes de emitir sinais de qualquer parte, a qualquer momento, e isso provocar, além da obrigatoriedade de escolhas – como aponta Giddens – a necessidade de se manter uma capacidade crítica e analítica sobre os desdobramentos que podem trazer o conteúdo emitido e o recepcionado.

Sêga aponta que os meios técnicos de comunicação, como a televisão e o computador – “que vem acompanhado dos serviços de internet, permitindo o acesso e a distribuição das informações, além da comunicação entre as pessoas” (Sêga, 2011, p.119) – colaboram para a interação social. Na recepção e apropriação das formas simbólicas que se constituem através da internet, cada indivíduo coloca sobre o que recebe seus respectivos valores sociais, políticos, religiosos, econômicos, míticos e culturais, entre outros.

Na internet, para Sêga, a comunicação ocorre da mesma maneira que nas formas tradicionais, ou seja, vai do emissor ao receptor, através de um canal, com um código, dentro de uma mensagem, inserida num contexto. Ela acredita que isso tenha permitido que os indivíduos conquistassem uma nova forma de estabelecer as relações sociais, pois os usuários da internet mostram-se predispostos a trocar informações e estabelecer comunicação no ciberespaço, que é em si o lugar da interação social nesses ambientes.

Por fim, Sêga ainda chama atenção para o fato de que as “relações sociais virtuais” são construídas sobre laços de intimidade com tanta naturalidade e

espontaneidade que estão dispensando, muitas vezes, as etapas que ocorrem nas formas tradicionais de se relacionar. No Facebook, por exemplo, muitos usuários adicionam até desconhecidos como amigos e assim os consideram, sem que necessariamente tenha ocorrido, alguma vez, encontros face a face entre essas pessoas que levassem à intimidade e ao grau de envolvimento que comumente se percebe entre aqueles que se conhecem e se tornam amigos fora desse ambiente, nas relações offline. Para a autora, a emoção e o sentimento podem ser demonstrados através da linguagem verbal ou através de símbolos específicos da comunicação pela internet, como os *emoticons*¹⁸.

Nesse ponto, alcançamos um dos elementos principais desse capítulo: a linguagem. Mais especificamente, o uso da linguagem para comunicar e expressar sentimentos. Para Giddens, “virtualmente toda experiência humana é mediada – pela socialização e em particular pela aquisição da linguagem” (Giddens, 2002, p.28). O autor afirma ainda que linguagem e memória estão intrinsecamente ligadas para sustentar a lembrança individual e a institucionalização da experiência coletiva. Sêga considera a linguagem, verbal ou não verbal, o elemento mais importante da interação entre os indivíduos, à disposição de todas as pessoas e capaz de expressar “objetivações e intenções subjetivas” (Sêga, 2011, p.17). A autora acredita que as formas de linguagem humana existentes são “índices ou indicadores” que permitem a compreensão das ideias, atitudes e servem de base para a interação social. “São esses índices que fazem com que as pessoas compreendam a subjetividade do outro; que as aproxima ou afastam-nas desse outro” (Sêga, 2011, p. 17).

Braga parte da perspectiva de que a linguagem é um sistema para comunicação, produto de educação e cognição. Para a autora, é possível afirmar que a estrutura da linguagem caracteriza o modo “como as pessoas organizam informações e desenvolvem ideias, concluindo-se que a linguagem é, ao mesmo tempo, meio de comunicação e ferramenta informática (sistema de processamento

¹⁸ Forma de comunicação paralinguística, um emoticon, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado smiley) é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :), ou ^-^ e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Fonte: Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>

de informação)” (Braga, 2008, p.36). Dessa maneira, segue a autora, cada nova forma de linguagem surgida é resultado da emergente necessidade de lidar com a quantidade de informações excedentes da forma anterior. “Nessa perspectiva, a Internet seria uma linguagem surgida para comportar o universo do computador e organizar, arquivar e distribuir toda informação gerada pela computação” (Braga, 2008, p.37).

Na perspectiva desta pesquisa interessa compreender a linguagem como expressão de um sentimento, a amizade. Para isso, partimos dos trabalhos de Marcel Mauss, para quem expressar sentimentos “é uma linguagem, em que o indivíduo comunica aos outros aquilo que sente em um código comum, nesse movimento comunicando também a si mesmo suas emoções” (Rezende; Coelho, 2010, p.48).

Nas Ciências Sociais, o termo “gramática” é bastante utilizado para designar e reunir esses códigos comuns da linguagem na expressão dos sentimentos. Por esse motivo, seguiremos adiante para identificar alguns desses códigos dentro do que pode estar contido na gramática da amizade. Em seguida, buscaremos a correlação desses mesmos códigos dentro da interação praticada através da internet, no Facebook.

Nesse site de rede social, optou-se por observar a constituição dessa gramática da amizade através da linguagem nas trocas interacionais dos usuários. Como um dos “códigos” principais da interação no Facebook é compartilhar, nosso objetivo é situar a expressão da amizade através do “dar, receber e retribuir”, conceito descrito por Mauss como elemento principal das trocas que ocorrem entre os indivíduos em suas relações sociais, em que busca a força que existe na coisa dada que faz com que o donatário a retribua. Ora, receber uma solicitação de amizade no Facebook e aceitá-la; enviar uma solicitação de amizade no Facebook e vê-la aceita; publicar, através de textos, vídeos, fotos e links, conteúdo que será compartilhado para uma rede de amigos disposta em uma lista no Facebook e ser retribuído com um “curti” ou um comentário; tudo isso são formas de se relacionar e interagir com os amigos no Facebook e se enquadram dentro da dinâmica da dívida descrita por Mauss.

Portanto, qual o lugar da amizade na interação através de um site de rede social, cuja principal finalidade a que foi destinada essa ferramenta, apropriada no ambiente de comunicação mediada pelo computador, é encontrar e manter em um só lugar os amigos? Onde estão os códigos da gramática da amizade anteriores ao surgimento desse tipo de ferramenta dentro do Facebook? São novos códigos? E no sentido inverso, há alguma contribuição desse site de rede social sobre a amizade e a manutenção de seus laços que se relacionam com os códigos daquela gramática? Essas e algumas outras hipóteses serão avaliadas a seguir.

Rezende & Coelho (2010) resumem a relação de amizade dentro do escopo de tudo que foi mencionado até aqui a respeito das relações sociais, da interação e da linguagem:

é uma relação afetiva que contém algum grau de escolha individual, que, entretanto se dá dentro de um campo de possibilidades. Embora vivida como uma opção subjetiva, a amizade é concebida e praticada com significados, normas e valores culturalmente definidos. (REZENDE; COELHO, 2010, p.74)

3.4. Expressão dos sentimentos e linguagem

Rezende & Coelho relatam que na história das Ciências Sociais a presença do afeto ligado às emoções fez com que, durante muito tempo, elas fossem notadas como parte da dinâmica da vida social, não recebendo, por isso, atenção como objeto autônomo para estudos. As autoras creditam essa situação ao status dúbio das emoções: “embora se tornassem elementos da interação social, eram vistas como fatos ‘naturais’, realidades psicobiológicas que já eram dadas a priori e modificadas até certo ponto pela socialização em uma cultura específica” (Rezende; Coelho, 2010, p.13).

Os primeiros esforços na direção de tratar as emoções como elementos sociais, segundo essas autoras, foram feitos por Émile Durkheim e Georg Simmel. Em seus textos, ambos trataram as emoções como “estados subjetivos e não sociais”, porém, seguindo linhas distintas de investigação, eles mostraram que há sentimentos que são produzidos socialmente nas relações sociais e que podem produzir “efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo” (Rezende; Coelho, 2010, p.13). Mas essa ambivalência sobre o estudo das

emoções prevaleceria ainda por muitas décadas, com autores explorando as regras e formas coletivas de expressão dos sentimentos tanto sob o ponto de vista de seu papel ou função social quanto com comparações entre padronizações culturais distintas das emoções.

Somente na década de 1970 o estudo das emoções começou a ter seu escopo melhor definido através do desenvolvimento da abordagem interpretativa. Para Rezende & Coelho, a mudança se deu sobre a noção de cultura, definida até então através de padrões de comportamento habituais e tradicionais, mas que agora receberia uma redefinição através de “teias de significados, transmitidas por símbolos e interpretadas de maneira específica de sociedade para sociedade” (Rezende; Coelho, 2010, p.14). Essa mudança desencadeou o surgimento de novos estudos acerca dos conceitos de pessoa e *self*, assim como das emoções, além de outros que buscavam a articulação entre “emoção e concepções de pessoa com as esferas da moralidade, da estrutura social e das relações de poder.” (Rezende; Coelho, 2010, p.14).

Contudo, foi na década de 1980, ainda conforme essas autoras, a partir do momento em que se percebem as ideias de pessoa e de subjetividade como construções culturais, que os estudos antropológicos sobre as emoções, através de uma perspectiva relativista, passaram a tratar os sentimentos como “conceitos culturais que mediam e produzem a experiência afetiva” (Rezende; Coelho, 2010, p.14). Completa esse quadro a proposição de Catherine Lutz (1988 *apud* Rezende; Coelho, 2010, p.14) de que os conceitos de emoção “implicam negociações sobre a definição da situação e sobre vários aspectos da vida social, devendo ser vistos como práticas ideológicas locais” (Rezende; Coelho, 2010, p.14). É a partir de então que “as emoções passam a ser tomadas como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras” (Rezende; Coelho, 2010, p.14).

Essas autoras acreditam que a tensão do par indivíduo-sociedade na definição do escopo dos estudos sobre as emoções foi mais bem resolvida por Mauss, que, dando continuidade ao trabalho de Durkheim, permitiu uma “exploração do modo como o obrigatório e o espontâneo entrelaçam-se na experiência emocional individual” (Rezende; Coelho, 2010, p.44). É de 1895 a

formulação de Durkheim de um projeto teórico-metodológico para a nova disciplina da sociologia em que determina como unidade de análise o “fato social”. “Este é definido como algo que ‘existe fora das consciências individuais’, sendo capaz de exercer uma ação coercitiva sobre a vontade individual” (Rezende; Coelho, 2010, p.46). Isso significa que essa capacidade de coerção externa sobre o indivíduo atesta a natureza social de um fato, aquilo que é capaz de coagir a vontade individual. Para ele, as constituições, os códigos penais, a condenação pela opinião pública ou os costumes são exemplos dessa característica do fato social que se sobrepõe à consciência individual.

No entanto, foi também um trabalho de Durkheim que, segundo Rezende & Coelho, sugeriu que o social poderia, ao mesmo tempo, ser uma condição externa – “fato social” – e interna do indivíduo. Discutindo ritos e crenças religiosas, ele chegou à definição do conceito de “efervescência”. “A ‘efervescência’ é um estado alterado da atividade psíquica individual, que somente se produz quando o sujeito está imerso em meio a uma coletividade, cuja marca é a intensidade” (Rezende; Coelho, 2010, p.47). É neste ponto que, para as autoras, essa possibilidade advinda da “efervescência”, ao mesmo tempo em que atesta a coerção do fato social sobre o indivíduo, sugere que o social pode estar também dentro dele, visto que a existência de um fenômeno coletivo poderia ser capaz de alterar o estado de consciência individual.

Porém, Rezende & Coelho creditam a Mauss um avanço sobre essa reflexão do par indivíduo-sociedade. Para as autoras, Mauss “mostra o caráter ritualizado da expressão dos sentimentos, que se acentua ou recua segundo momentos socialmente demarcados na sequência ritual, obedecendo, além disso, a uma estética comum” (Rezende; Coelho, 2010, p.48). Com um estudo do ritual oral dos cultos funerários australianos, Mauss (1980) pretendia demonstrar que todos os tipos de expressões orais dos sentimentos não se ligavam a fenômenos fisiológicos ou psicológicos, mas sim, a fenômenos sociais, não espontâneos, obrigatórios.

Rezende & Coelho consideram que a conclusão de Mauss atesta que a natureza ritualizada e coletiva da expressão dos sentimentos é prova de seu caráter como “fato social”. No entanto, ao mesmo tempo em que essa expressão é algo

externo ao indivíduo, isso não impossibilita a espontaneidade dos sentimentos, já que podem ser vivenciados por quem os expressa, concluem as autoras. E é nesse ponto que reside a questão central que buscamos até aqui para compreender a expressão da amizade. Como sentimento, uma relação, ela também tem sua linguagem característica.

Compreendendo a amizade a partir dessa perspectiva, é possível analisar seus códigos e colocá-los em oposição ou linearidade com os símbolos da linguagem na interação através do site de rede social Facebook. Nesse site, a linguagem se constitui tanto pelos recursos técnicos à disposição dos usuários quanto pelos contextos específicos desse ambiente a que eles são apresentados, em que lidam com escolhas, compartilham para a rede social e comunicam aos amigos em suas listas. Em qualquer dessas etapas, para que códigos de amizade existam e se constituam em uma gramática desse sentimento, o mais importante é fazer com que eles sejam compreendidos da mesma forma por todos.

(...) todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem. Estes gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas se é preciso dizê-las é porque todo o grupo as compreende. A pessoa, portanto, faz mais do que manifestar os seus sentimentos, ela os manifesta a outrem, visto que é mister manifestar-lhos. Ela os manifesta a si mesma exprimindo-os aos outros e por conta dos outros. (MAUSS, 1980, p.332)

Em seu trabalho, Mauss (1980), abordando a questão do caráter coletivo da expressão dos sentimentos, analisa dados etnográficos que o levam a evidenciar a dimensão de linguagem dessa expressão, observando o ritual e a sincronização das demonstrações de pesar. No entanto, a abordagem de Mauss não deduz daí a natureza coercitiva do ritual que obrigaria o indivíduo a demonstrar aquilo que não sentiria, pois, segundo Coelho, para Mauss, o que muda é “‘a etiologia’ do sentimento, o qual, ao invés de provir espontaneamente do íntimo de cada indivíduo, é gerado de ‘fora para dentro’” (Coelho, 2006, p.54). Porém, afirma a autora, a conclusão de Mauss não faz com que seja menos verdadeiro o sentimento experimentado pelo sujeito numa ocasião como essa. É nesse sentido que a expressão dos sentimentos pode ser analisada sob o aspecto de uma linguagem, “que funcionaria como um movimento de mão-dupla, em que o indivíduo, ao demonstrar o que sente para os outros segundo um código

compartilhado, neste movimento expressaria seus sentimentos também para si mesmo.” (Coelho, 2006, p.54).

Mas é também na tensão entre obrigatório e espontâneo que reside o fio condutor das reflexões de Mauss sobre a dádiva. “Mauss afirma a existência de ‘duas verdades’ na dádiva: seu caráter ‘voluntário’, expresso na ‘teoria’, e a obrigação da retribuição, presente na ‘realidade da dádiva’” (Coelho, 2006, p.54). Compreender a dádiva é buscar o elemento dessa relação que faz com que aquilo que foi dado seja retribuído, segundo Mauss (1974, p.42). Para Coelho, o mesmo problema orienta os trabalhos de Mauss: “a tensão entre as dimensões obrigatória e espontânea da experiência individual, expressa na vivência das emoções e na oferta/recebimento de dádivas materiais.” (Coelho, 2006, p.55).

Consideremos, assim, uma linguagem que expressa o sentimento da amizade observada no site de rede social Facebook e a experiência de dar, receber e retribuir através do compartilhamento de informações e conteúdos nesse site. É sobre essas duas orientações que esta pesquisa avança para localizar a linguagem característica da amizade e seus códigos compartilhados, existentes antes mesmo do contexto interacional da internet. Para evidenciar na prática as características dessa relação, serão descritos agora os resultados da observação apresentada no segundo capítulo e das entrevistas realizadas com dois grupos de usuários do Facebook.

3.5.

Desvendando a relação de amizade no Facebook

As entrevistas foram divididas em dois grupos com pessoas de diferentes faixas etárias, variando entre 19 e 40 anos, diversas profissões e que possuem perfis ativos, mas que utilizam o site de maneiras e frequência diferentes. São todos cariocas ou moradores da cidade do Rio de Janeiro, com nível superior completo ou em andamento, moradores das zonas norte, sul e oeste da cidade. A faixa etária escolhida tem relação direta com o fato de estarem incluídas nela desde pessoas que descobriram no Facebook um novo espaço de interação para amizade até aquelas que, pela pouca idade e relação com a tecnologia, já o consideram quase como uma extensão dessa relação.

Como o Facebook trata como “amigos” todos os usuários incluídos nas listas uns dos outros, os participantes foram questionados sobre a origem de seus melhores amigos nesse momento de suas vidas. Todos são unânimes em afirmar que seus melhores amigos vêm de uma relação anterior àquela conexão estabelecida pelo site. Conheceram-se principalmente na escola, na faculdade, são amigos de infância ou de uma relação que se fortaleceu dentro do ambiente de trabalho. Mas são também pessoas com quem se encontram pessoalmente com relativa frequência e que, através da tecnologia, acrescentaram à relação mais essa forma de interação pelo Facebook. Em alguns casos, o contato é menos frequente, mas, ainda assim, o vínculo criado anteriormente por muitos anos com a amizade determina a continuidade da relação, a afinidade para se manter o contato através do site de rede social, como demonstra o depoimento a seguir:

Os melhores amigos são da vida, colégio, faculdade. Mas daqueles de quem estou um pouco afastada fisicamente, mas com que já existe uma relação de muito tempo, adoro que estejam ali no Facebook. Posso saber um pouco o que estão fazendo, posso opinar, bater papo, trocar ideias, ver fotos, é como se a relação permanecesse próxima. (Participante A)

Uma das entrevistadas conta que na faculdade havia um grupo de amigos muito próximos do qual sempre fez parte e com quem mantém contato até hoje. São amigos e encontram-se com certa regularidade, falam por telefone e todos estão adicionados em suas listas de amigos no Facebook. Porém, uma das amigas viajou para o exterior, deixou de mandar notícias, já foi procurada no Facebook, mas ninguém conseguiu encontrá-la. Por isso, perderam o contato, mas não o desejo de ainda revê-la, poder interagir com ela novamente, o que seria facilitado pelos recursos de localização de usuários e comunicação do Facebook:

Todo o grupinho da faculdade ainda se fala pelo Facebook, mas com ela nós perdemos o contato. Já procurei e não encontrei ela no Facebook. (Participante B)

Assim também é com os grupos que foram criados pelos usuários neste site de rede social e cujo recurso é usado para prolongar a interação com os amigos. Todos os grupos são compostos por pessoas que se conhecem e que mantiveram, durante muitos anos, a relação de amizade até agora. São amigos da escola, amigos de infância, amigos de amigos que foram se conhecendo pessoalmente. No caso dos grupos 2 e 3, que são turmas de colégios diferentes, mesmo o grupo do Facebook aceitando ex-alunos de anos diferentes, os amigos que eram mais

próximos identificam-se e dali partem para a interação. Eles se procuram, perguntam uns pelos outros, às vezes pelos nomes, às vezes pelo apelido, e formam outros pequenos grupos de afinidade e aproximação na rede. Isso, no entanto, não impede que mesmo aqueles que não se conheceram pessoalmente interajam, pois o motivo de todos estarem ali é comum: a escola em que estudaram. A tecnologia permitiu que se reencontrassem, mas eles estão interessados em descobrir o que aqueles com quem estabeleceram uma relação estão fazendo agora, onde estão, suas profissões. Percebe-se que alguns mantiveram contato ao longo de todos esses anos, e esses são os que realizam o papel de informar para os demais onde estão quem procuram. A seguir alguns depoimentos colhidos nos grupos observados:

Caramba... A EBA/UFRJ pode ter formado o modo como vejo o mundo, o CEDERJ/UERJ pode forjar o modo como me relaciono com o mundo, mas muito do que sou no íntimo tem origem no CEFET em geral, e na Turma do Bloco E em especial... (Participante 1)

Vamos passar informações de como estamos hoje. desculpem os erros, mas o teclado eh em espanhol. (Participante 2)

Pedro Henrique Fontana, vulgo Urubu naquela época, Fisioterapeuta, enquanto vcs estavam matando aula debaixo do bloco E, eu matava aulas de eletronica para ficar correndo naquela pista de atletismo, precária, mas saudosa, rsrs.. Mas fosse a turma do bloco E, a turma do grêmio, a turma do teatro, a turma do violão, a turma dos laboratórios, etc... tínhamos algum em comum: Éramos capazes de ficar dentro do CEFET mesmo durante as incansáveis Greves... (Participante 3)

Outra questão abordada pelos entrevistados e observada nos grupos é justamente a localização, encontrar amigos, buscar pelo nome, pelo email, usar um recurso que o Facebook oferece para retomar essa interação. No entanto, da mesma forma que nos grupos os participantes procuram por aqueles de quem eram mais próximos, os entrevistados afirmaram que buscam somente por pessoas com quem estabeleceram a amizade, mas que, em algum momento, perderam o contato. Porém, ressaltaram que usam desse recurso porque, mesmo depois de tanto tempo, o interesse por essas pessoas permanece até hoje. Ou seja, nota-se mais uma vez com esses resultados observados que a afinidade, a proximidade que foi construída na relação de amizade é o que sustenta a necessidade ou o desejo de continuar interagindo com aqueles amigos.

Nas entrevistas, muitos citaram que ainda não aceitam pedidos de amizade de colegas, nem adicionam pessoas com quem mantiveram pouco contato, pessoas que viram raras vezes. Ou ainda aqueles colegas da escola que eram da mesma turma, mas de quem não eram tão próximos e os colegas de trabalho com quem não têm tanta proximidade. Não é comum, para esse grupo entrevistado, aceitar em sua rede social online a presença dessas pessoas.

Essas pessoas com quem um dia eu tive contato, que foi pouco, alguns colegas da escola, eu penso assim: já não tinha nada antes, pouca afinidade, vou adicionar agora pra quê? Não quero que vejam o que estou fazendo. E mais: não quero ficar preocupada com o que vão pensar do que faço ou digo. (Participante C)

Não acredito que o contato no Facebook vá trazer uma afinidade que já não existia antes. (Participante D)

Mas há também casos em que, nas entrevistas, alguns participantes contaram situações em que não se sentiam à vontade para aceitar algumas dessas pessoas de quem nunca foram tão próximas, sendo que, depois de estabelecerem a conexão pelo site, a percepção sobre o outro mudou um pouco. Porém, para eles, isso não significa que a ligação no Facebook tenha provocado obrigatoriamente a tal proximidade, a intimidade da amizade. Quando isso ocorreu, geralmente o motivo esteve ligado ao conteúdo compartilhado por essas pessoas que aceitaram em suas redes.

Tem gente que me surpreendeu depois que adicionei no Facebook. Achei que a pessoa não tivesse nada de bom a dizer, mas pelo contrário, é super legal. Gostei. (Participante C)

Fui falar pessoalmente com uma pessoa que percebi que gostava de um mesmo cantor que eu, puxar assunto, tentar me aproximar, mas levei um toco. A pessoa não me deu a mínima. (Participante D)

E é o conteúdo, aquilo que é compartilhado, seja entre amigos publicamente, seja em grupos, que pode determinar o fortalecimento ou até o enfraquecimento da relação de amizade a partir desse contexto. O conteúdo trocado entre os amigos nesse ambiente pode interferir na relação offline, aquela fora do site. Isso foi comprovado durante as entrevistas e foi percebido também durante a observação nos grupos. Nesses, essa evidência fica clara quando os participantes compartilham memórias, lembranças, situações, fatos, histórias que são contadas no grupo dentro da rede social, mas que somente os amigos

conseguem identificar porque viveram e participaram dos momentos que estão sendo narrados ali. Essa identificação com as histórias, com o conteúdo compartilhado, é que reagrupa os amigos ou fortalece os laços que já existiam antes, fora desse ambiente. Esse conteúdo é capaz de aproximar ou afastar pela identificação dos códigos comuns conhecidos por eles. Quando alguém não reconhece qualquer um desses códigos, a pessoa tende a ficar isolada e, conseqüentemente, podendo até se retirar e deixar de participar tanto da relação online quanto daquela que ocorre fora da rede social. É nesse sentido que, para os grupos, o conteúdo da interação é importante. Isso separa aqueles entre quem a afinidade com os amigos sempre existiu daqueles com quem ela não está presente. Ou seja, no final, restam, mais uma vez, os amigos que mantiveram por anos a relação de amizade.

Já nos perfis e na interação entre os amigos fora de grupos, o conteúdo, para esses participantes, pode interferir diretamente sobre relação de amizade. Ele tanto pode aproximar quanto afastar. Porém, a maioria dos usuários que interage com os amigos nesse site afirma que o conteúdo só é capaz de afastar aqueles que não os conhecem de um contexto anterior ao Facebook. Isso acontece porque, segundo eles, os amigos, aqueles que podem mesmo ser chamados de amigos fora desse ambiente, e que são poucos, já os conhecem suficientemente bem por causa de trocas apreendidas durante diversas interações e com conteúdos variados durante anos de uma relação. E seja qual for a maneira como qualquer conteúdo é apresentado, eles tendem a gerar conversa em vez de conflitos ou diferenças. Essas, neste caso, surgiriam pela ausência de laços mais fortes que unam as pessoas em uma relação.

Resumindo, em ambos os casos, o conteúdo é o elo entre eles, mas somente a amizade, a afinidade, a proximidade e até a intimidade entre os amigos, é que sustenta a relação, não a tecnologia.

Ainda sobre o conteúdo, nas entrevistas, os participantes descreveram o que gostam de dar e receber no site de rede social. Eles afirmaram que gostam de contar para os amigos na rede social sobre o seu dia, as coisas mais interessantes que aconteceram, lugares que visitaram, músicas que ouviram, as novidades, um pouco sobre suas atividades profissionais, seus desejos, seus sonhos, o que estão

sentindo. Querem sentir-se como se estivessem ao lado de alguém para quem contariam o que estão escrevendo no site. Em troca, querem ser percebidos da mesma forma que percebem seus amigos na rede e gostam de receber informações sobre o que os amigos estão fazendo, onde estão ou estiveram, o que leram, dicas de filmes, músicas, lugares visitados, novidades, opiniões sobre assuntos diversos. Gostam de debater, opinar, ver fotos, comentar nos *posts*, conhecer coisas novas através deles, receber o mesmo tipo de conteúdo que está relacionado àquele que compartilham.

Assim, nessa relação de trocas comuns, a consequência direta é que mais uma vez os laços mais fortes de amizade firmam-se, e os mais fracos, podem perder ainda mais força. Isso porque o que os participantes identificam como apropriado para dar e receber está, em quase na totalidade dos casos, somente com os mesmos amigos, aqueles com quem a relação foi construída e se mantém há anos. Não é que não se admita a possibilidade de uma nova amizade surgir, se fortalecer e durar muitos anos quando surge num site de rede social como este. Mas o fato é que as relações de amizade, como conhecidas até hoje, fora dos ambientes da internet, estão se estabelecendo como uma extensão da amizade off-line dentro do ambiente online, não uma nova propriedade em si da relação. A tecnologia pode estar facilitando a interação, a comunicação, a sensação de mais proximidade quando suprime a relação espaço-tempo, marca da pós-modernidade.

O que comprova essa constatação é justamente aquilo que os participantes do Facebook afirmaram fazer quando um conteúdo não está de acordo com o que querem receber, quando um conteúdo desagrada, ofende, é vazio ou não interessa por diversas razões subjetivas.

Ah, eu nem bloqueio, não penso em usar esses recursos, eu deleteo logo. Pra que manter ali alguém que não quero ver, que não me interessa? (Participante E)

Poxa, uma pessoa que eu gostava muito foi lá e colocou uma opinião super escrota, homofóbica, uma coisa que eu não concordo, eu não posso aprovar, não vou gostar, significa que a gente tem diferenças. Não preciso ter essa pessoa no Facebook. Nem bloqueio, excludo mesmo. (Participante F)

Nesse ponto, quase todos os entrevistados concordam que a melhor opção é ocultar a visualização das publicações dos participantes com quem estão em

desacordo ou, outras vezes, excluir mesmo a pessoa da lista de amigos. O conteúdo pode desagradar por estar em desacordo com a opinião de quem o recebe, por ser ofensivo, agressivo, de mau gosto, por expor imagens de violência ou qualquer coisa que vá de encontro aos valores daquele que participa da rede. Nos grupos, a situação não é diferente, pois a maior proximidade, a afinidade e até a intimidade que sustentam a amizade fora daquele ambiente e que gerou um grupo na rede social deixa mais evidente a situação de desacordo com um conteúdo não aprovado. Isso porque para quem está dentro do grupo é como se o fato de ele ter sido criado, as pessoas terem sido incluídas e aceitado participar significa que todos conhecem os códigos daquela relação levados para o site de rede social. Logo, sabem também das consequências de determinados assuntos e como eles impactam ou fazem com que os amigos reajam. Os amigos reunidos num grupo já têm um conhecimento prévio que vem da relação offline e sabem o quanto determinado assunto ou tema pode provocar, incomodar, gerar conflitos etc. E se alguém compartilha no grupo algo desse tipo, demonstra que não reconhece aqueles códigos da relação, podendo sentir-se ou até ser excluído das interações.

Houve uma situação de tensão no grupo 5 que atesta o que foi descrito acima. Num comentário irônico, um dos participantes se sentiu ofendido e a resposta da amiga no grupo fez referência ao que ela chamou de “mania de perseguição”, uma situação que ela demonstra conhecer da relação que tem com o amigo fora do Facebook.



Figura 1. Tensão entre os participantes do grupo 5

Os entrevistados chamaram de desgaste o processo que ocorre quando um dos amigos adicionados a sua rede tem um comportamento reincidente com conteúdos que desaprovam. Eles afirmaram que sentem-se constrangidos e que aquela situação ajuda a construir a imagem que fazem do amigo fora do site. É como se as publicações e seus conteúdos fossem tornando-se fragmentos do que é a pessoa. E nessas demonstrações, revelam o que ainda não havia sido apreendido em outras interações.

Porque você conhece a pessoa de verdade, vê quais são os gostos dela que são diferentes do seu, isso afasta”. Isso não acontece muito com meus amigos porque eu convivo direto com eles, conheço-os muito bem. Mas com os outros, os conhecidos, o Facebook me mostra as opiniões e os comportamentos daqueles com quem não me identifico. Por isso eu excluo, prefiro excluir para não voltar a me decepcionar. (Participante G)

Sabe televisão? Se você não quiser ver aquilo, você muda de canal, é isso que faço com as coisas que não me interessam. (Participante H)

Dois entrevistados afirmaram que já passaram também pela situação contrária, quando começaram a conhecer alguém melhor através dos conteúdos publicados. Exatamente o inverso do que foi descrito acima. Eles relataram que tinham em suas listas de amigos pessoas que não eram tão próximas, aquelas com quem mantiveram uma relação durante certo tempo, mas que não se firmou como amizade. E isso não aconteceu justamente porque na relação offline não ocorreram as trocas e interações apropriadas para estabelecer a amizade com aquelas pessoas. No entanto, com essas pessoas no site de rede social, descobriram afinidades, opiniões similares e isso, de certa forma, ajudou a modificar ou construir outra imagem daquele participante. Porém, eles são bastante enfáticos: o Facebook ajudou a identificá-los próximos por algumas razões, mas não propiciou a relação de amizade.

O que o Facebook trouxe foi essa facilidade de saber sempre mais um pouco da pessoa, do amigo que eu sabia pouco antes ou que só sabia de mais coisas quando a gente se encontrava. Ali tem sempre um pouquinho daquela pessoa, dá pra ir conhecendo mais, sabendo mais. E ali mesmo já faço a seleção de quem quero e quem não quero como amigo. (Participante I)

Por fim, ainda sobre o conteúdo, nota-se que ele pode abrir para a relação offline a possibilidade de um diálogo entre dois participantes que são “amigos” no Facebook, como também é capaz de permitir uma conversa ininterrupta em suas interações. Na primeira situação, os entrevistados concordaram que o que descobrem ou sabem de outros participantes através do Facebook pode ajudar a começar uma conversa offline, como, por exemplo, entre colegas de trabalho na empresa ou numa situação mais informal fora dela. Saber previamente o que aquele participante que está na sua lista de amigos gosta ou esteve fazendo, ajuda a deixar menos tensa a relação e um possível diálogo nessas ocasiões. Já para os amigos cuja relação é anterior ao Facebook, qualquer comentário compartilhado, foto, vídeo, opinião é como se abrisse uma sala de bate papo, um *chat*, em que eles podem interagir continuamente sem necessariamente contar com a presença de todos juntos ao mesmo tempo. É como apresentado no primeiro capítulo, trata-se de uma interação mútua e síncrona e assíncrona simultaneamente. E essa interação no Facebook, possibilitada pela interação mediada pelo computador,

pode estender e manter a relação offline entre os amigos, pois a sensação é a de como se estivessem ainda mais próximos, fato que a internet e sua mobilidade com *smartphones* ajudam a reforçar.

Para mim, ele é como um fórum melhorado. O legal é poder falar para todo mundo e ouvir as respostas, comentar. Eu gosto de mostrar uns assuntos para os meus amigos e a gente fica conversando nos comentários. O mais legal é que são amigos daqui, tem uma que está morando agora em Buenos Aires, outro na Alemanha e a gente fica se falando como se estivesse frente a frente. É legal isso de poder continuar falando com eles, debatendo os assuntos como a gente faz pessoalmente quando se encontra, mas agora pode fazer mesmo com eles estando longe. A gente se fala muito, esses que estão morando fora trazem coisas novas lá dos países onde estão, é bem legal. Aliás, essa é uma das melhores coisas em relação a ter meus amigos ali conectados comigo, é o mais legal do Facebook. (Participante J)

Assim, o pessoal da faculdade, por exemplo, alguns não vejo sempre na aula, mas estão no meu Facebook, mas quando vou conversar com eles, quando vou discutir qualquer coisa, já sei mais ou menos do que a pessoa gosta, do que posso falar. (Participante K)

Sobre os recursos do site, os mais citados são os grupos, a sinalização do dia do aniversário dos participantes, as configurações de privacidade e a publicação e marcação de fotos. Os dois primeiros são mencionados positivamente, pois são vistos como ferramentas que auxiliam a interação. Assim também com os grupos, por todas as razões já explicadas aqui anteriormente, tanto em relação ao uso pelos amigos, quanto pela possibilidade de reunir novamente aqueles que estavam afastados. A indicação do dia do aniversário de outros participantes, mas principalmente dos amigos, é como se fosse o lembrete de um compromisso, a sinalização de um alarme que soa chamando a atenção para a necessidade de interagir, de felicitar aquela pessoa. Diante da infinidade de coisas a fazer, assuntos para resolver no dia a dia, diante da correria e das pressões por todos os lados sobre o indivíduo que vive na pós-modernidade, nada melhor do que um alarme, um lembrete que o desperta e o chama a fazer algo, assim como usa todos os dias o alarme para acordar, os calendários e agendas para reuniões no trabalho e tantos outros artifícios para marcar e lembrar compromissos.

Por outro lado, as configurações de privacidade não são bem aceitas pelos participantes do Facebook que foram entrevistados. A maioria deles afirmou que não quer pensar em usar configurações para definir o que e com quem compartilhar. Preferem pensar antes em quem aceitam em sua rede, pois não

querem se preocupar em dividir em grupos como expressar o que sentem, o que compartilham. Para eles, o Facebook é usado como um espaço para interação, em que não cabe definir configurações de privacidade na hora de expressar o que está sentindo. Como na relação offline, confiam e sabem que podem contar com aqueles que estão adicionados em suas listas de amigos, por isso mesmo excluem ou não aceitam pedidos de amizade daqueles que – acreditam – podem não entender o que dizem.

Para aceitar alguém como amigo, avalio bastante se vale a pena porque quero poder falar sem restrições o que penso, falar abertamente e nem todo mundo vai entender algumas coisas, já meus amigos, sim. Porque eles estão mais próximos sabem do que estou falando, mesmo quando falo algo enigmático. (Participante L)

Eles também concordam que a exceção para aceitar o pedido de amizade de alguém fora dessas condições, ou usar algum dos recursos de privacidade do site, ocorre quando a situação pode gerar algum constrangimento na relação offline com a pessoa que enviou o pedido.

Por exemplo, a namorada do meu irmão me adicionou, é recente ela, não acho que temos intimidade, mas imagina ela na minha casa perguntando por que não aceitei ela no Facebook. Aceito mas bloqueio álbuns, restrinjo algumas coisas pra ela. (Participante M)

Tenho casos assim com o pessoal do trabalho. É chato às vezes ter que aceitar alguém do trabalho, mas como explico pra ele que não aceitei com a pessoa do meu lado todo dia? (Participante N)

Isso comprova que o site de rede social não está necessariamente criando nenhum código novo para a relação de amizade. Até por ainda não saberem muito bem como lidar com diversas situações nesses novos ambientes, as pessoas buscam referências nos contextos interacionais anteriores ao surgimento deles, no contexto relacional da amizade existente antes do Facebook ou de qualquer ferramenta ou site de interação pela internet.

Com as fotos o problema reside sobre a marcação do nome de um amigo em qualquer uma delas. Marcar um amigo numa foto é um recurso que permite associar o perfil de um participante do Facebook a uma imagem publicada por alguém. Por exemplo: em uma foto feita na praia aparecem três amigos seus que estão na sua lista no Facebook. Ao publicar essa foto no mural ou em um álbum, esse participante pode associar o rosto de cada um na imagem ao perfil dos seus

amigos no site. E quando você é marcado em qualquer foto, a não ser que tenha usado configurações de privacidade, toda sua lista de amigos será notificada sobre a foto compartilhada com seu nome. O problema, segundo relatam os entrevistados, é quando não queriam ter a imagem mostrada publicamente. Alguns relataram que seus amigos já publicaram e os marcaram em fotos em momentos íntimos, situações particulares e aquilo não agradou.

Dos recursos do site citados pelos entrevistados, o que mais agrada, além da lembrança do dia do aniversário, são as listas. As listas são como grupos, sendo que algumas são criadas automaticamente pelo Facebook e outras, ativadas pelos usuários. A diferença em relação a um grupo é que a lista não é um espaço de bate papo, interação, ela é, na verdade, uma seleção, como se fosse um filtro agrupando amigos com alguma característica similar. Por exemplo: o Facebook cria, nomeia e agrupa numa mesma lista todos os seus amigos que informaram nos dados do perfil o nome da empresa em que vocês trabalham. Se você trabalha na empresa XYZ, incluiu essa informação mencionando-a em seu perfil e tem na sua lista de amigos pessoas que fizeram o mesmo, automaticamente o Facebook cria uma lista com o nome dessa empresa e inclui dentro dela esses seus amigos. Quando você acessa essa lista, você verá somente as atualizações e publicações das pessoas que estão incluídas nela. É realmente como se fosse um filtro para selecionar, dentre tanto conteúdo compartilhado, o que você quer ver.

Mas não são as listas automáticas as que foram citadas como um recurso positivo do site. O Facebook tem uma lista automática chamada “Melhores Amigos”, mas que só é ativada a partir do momento em que o usuário inclui ao menos um amigo dentro dela. Ou seja, embora o site já traga esse recurso disponível, ele não faz a seleção dos amigos para incluir nessa lista. No entanto, alguns entrevistados confirmaram que ativaram e usam essa lista para fazer um filtro do que querem ler, não tanto para o que vão publicar.

Contudo, as listas também podem ser usadas como um recurso de privacidade. Quando um conteúdo é publicado pelo usuário, ele pode escolher compartilhar somente com uma ou mais listas automáticas ou para aquelas criadas por ele. Sendo que, pelos depoimentos até aqui, as configurações de privacidade com o intuito de restringir o que publicar para a lista de amigos não agradam aos

participantes. Por outro lado, a lista permite que o usuário leia diretamente o conteúdo compartilhado por aquelas pessoas que mais o interessam, que seriam justamente essas incluídas nas listas.

Nas entrevistas, a lista “Melhores Amigos” foi citada como um facilitador para saber o que os amigos – geralmente poucos e aqueles de uma relação de longa data – estão fazendo, o que compartilharam, o que contaram nos últimos dias. Ao invés de ler todos os comentários publicados um a um, a lista facilita saber sobre um pequeno grupo de amigos cujo conteúdo mais interessa, que podem estar diretamente associados aos melhores amigos na relação offline. Dessa forma, os diversos conteúdos da interação reforçam a relação social, ou melhor, a relação de amizade do offline para o online, e vice-versa.

Recuero aponta que a interação mediada pelo computador pode gerar e manter “relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na Internet.” (Recuero, 2009, p.36). Com isso, a interação nesse ambiente, segundo a autora, gera relações sociais que vão criar ou fortalecer laços sociais. Como descrito no primeiro capítulo, os laços sociais se constituem a partir das relações sociais e são a “efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações.” (Recuero, 2009, p.38) A amizade pode ser considerada, nesse contexto, um laço forte, estabelecido sobre uma relação social que se faz a partir da troca de conteúdo em diversas interações entre os indivíduos. Tal qual a relação no off-line, a relação entre amigos no online está se espelhando na “forma” e no conteúdo” da primeira, como se pode constatar até aqui.

Laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. A interconexão destes laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões destas relações – a estrutura da rede social – organiza os sistemas de troca, controle, dependência, cooperação e conflito (Wellman, 2001, p.7 *apud* Recuero 2009, p.38).

3.5.1. Gramática da amizade

Quando Mauss (1980), em sua obra, demonstra que a expressão dos sentimentos está associada a uma linguagem, uma “gramática”, ele assegura que a compreensão da expressão dos sentimentos se dá entre os indivíduos por conta de

um código comum compartilhado por todos. Os ritos, os gestos, os sons, além de obrigatórios, resultado de uma força coercitiva externa, também podem ser íntimos, espontâneos, permitindo que o sujeito vivencie de fato o que demonstra estar sentindo. Tomando a amizade como um sentimento, logo, composta por uma linguagem típica para que se compreenda e se estabeleça a relação entre as partes, e, ao mesmo tempo, a tensão de caráter obrigatório e espontâneo expresso pela dádiva nas relações sociais, foram selecionados e nomeados alguns desses códigos observados a partir do estudo “netnográfico” realizado nesta pesquisa, em conjunto com as entrevistas em profundidade aplicadas. A seguir, consideramos possíveis códigos observados na relação de amizade no Facebook.

3.5.1.1.

Amigos não se encaixam em categorias, são decorrentes de laços fortes

Isso significa que, assim como em suas vidas offline, as pessoas não estão, num site de rede social, dividindo os amigos em categorias, separando tipos diferentes de interações para cada grupo. Na verdade, a relação de amizade estabelecida através do ambiente de interação online está refletindo a forma como ela se constitui no offline, ou seja, os amigos são aqueles com quem se tem uma relação originada a partir de frequentes e diferentes interações, em grande parte dos casos ao longo de muitos anos, reforçando, através do conteúdo trocado nessas interações, a relação entre as partes.

Embora o Facebook, como qualquer site de rede social, permita que as interações sejam mais frequentes, ele não é tido ainda como um espaço capaz de estabelecer uma relação de amizade. Como os entrevistados atestaram, a amizade vai se fortalecendo tanto quanto aumentam os contatos e a interação pessoal, face a face, com outras pessoas, o que os leva a considerar amigos aqueles que os acompanham há anos, como os amigos de infância, da escola, da faculdade etc.

As interações mais frequentes nesse site ajudariam apenas a conhecer de maneira mais rápida aquilo que, numa relação de amizade anterior ao Facebook, se descobriria com o passar dos anos, nas trocas, no convívio, nos encontros, nas conversas. Como isso já ocorreu em uma fase anterior, para esses amigos agora conectados através do Facebook, esse repertório já foi construído e ajuda a

fortalecer o laço entre eles na comunicação mediada pelo computador. Para as amizades mais recentes, ou aquelas relações que ainda podem vir a se tornar uma amizade, esse site permite receber dos amigos o conteúdo que vai moldar a relação e fazê-la ser aceita ou rejeitada.

Sendo assim, o que esses usuários do Facebook buscam na construção de sua rede social online é manter próximos os amigos que são de um contexto relacional anterior ao site, permitindo que possam agir com a liberdade que julgam necessária para expressar a amizade através dos conteúdos que compartilham. As exceções ficam com os casos de pedidos de amizade aceitos por uma convenção social, como os colegas de trabalho, ou a fim de evitar constrangimentos, como familiares. Sobre essa liberdade para exprimir uma emoção, uma opinião ou qualquer tipo de conteúdo que reforce os laços de amizade nesse site de rede social, pode-se recorrer à definição de Godbout (1999), para quem, na dádiva, a liberdade, quando preservada, cumpre o papel de reforçar os vínculos por ela criados, denotando um caráter espontâneo em oposição a uma reciprocidade vivida como coação.

3.5.1.2.

A reciprocidade nas trocas

Como dito anteriormente, as interações podem ser feitas de diversos conteúdos, e o Facebook multiplicou as possibilidades e tipos de conteúdos trocados entre os amigos nas interações dentro desse site. Essa multiplicação ocorre à medida que a interação pode se dar através de fotos, álbuns, links, vídeos, textos, tudo dentro do mesmo ambiente e de maneira atemporal, já que ficam disponíveis e podem ser acessados a qualquer tempo.

No entanto, esta pesquisa comprovou que, para a relação de amizade, o conteúdo compartilhado nas interações tem uma relação direta entre quem dá e recebe, ou seja, no Facebook as pessoas aproximam-se ainda mais daquelas que demonstram gostos, opiniões, preferências similares às suas. E essa similaridade, em grande parte dos casos, foi sendo construída na relação de amizade existente antes desse site. Logo, voltamos mais uma vez às amizades de infância, do colégio, da faculdade e mesmo aquelas oriundas das relações profissionais, entre colegas que com a convivência diária tornaram-se amigos.

Em seus depoimentos, os entrevistados afirmaram que, no Facebook, querem receber em troca conteúdos similares aos que compartilham. Eles dão aos amigos informações, fotos, vídeos, dicas, novidades e querem receber de volta o mesmo tipo de conteúdo com a opinião dos amigos sobre lugares visitados, livros lidos, filmes assistidos, comidas provadas, marcas compradas etc. Para as amizades existentes num contexto anterior ao do Facebook, a interação no site serve para aproximar ainda mais os amigos. Já para as amizades mais recentes, o conteúdo compartilhado é como um teste que pode aprovar ou reprovar o “candidato a amigo”. Por isso mesmo é que alguns entrevistados afirmaram que não se sentem constrangidos ou impedidos de excluir alguém que tenha sido adicionado à rede, mas que não esteja correspondendo conforme o esperado. Ou seja, aquele que compartilha o que não é considerado interessante para quem recebe o conteúdo.

No Facebook, o verbo ‘curtir’ tornou-se sinônimo dessa reciprocidade intencionada nas trocas. Qualquer conteúdo compartilhado nesse site pode ser curtido, clicando em um link abaixo da mensagem, que sinaliza com uma imagem do dedo polegar em sinal de positivo, que ele agradou, que quem curtiu está de acordo, concorda, gosta do que viu compartilhado pelo amigo.

3.5.1.3.

Mais do que o número de amigos, quero saber de quem me interessa

No Facebook, cada usuário tem em média 130 amigos¹⁹, mas alguns chegam a somar até cinco mil, que é o limite de um perfil do site. Ainda assim, as entrevistas comprovaram que quando esse número é levado para fora do site, na vida offline, os usuários mantêm relação, interação face a face, com até menos de 10% desse total. Alguns chegaram a se referir a um grupo de seis, no máximo, dez pessoas da escola ou da faculdade. Quando se referem a amigos de infância, esse número é menor ainda. O fato é que somando amigos de infância com os de colégio e faculdade ou trabalho, chega-se a um resultado muito menor do que a quantidade de “amigos” que se tem na rede social online.

¹⁹ www.facebook.com/press/info.php?statistics (julho de 2010)

Isso foi comprovado com duas situações descritas durante as entrevistas: a lembrança da utilização da lista de melhores amigos e a sinalização feita pelo site do dia do aniversário dos participantes. Em relação a esse último, quase todos os entrevistados confirmaram que o recurso do site é positivo. Mas que embora escrevam uma mensagem de felicitação para os “amigos” mostrados pelo site no dia do aniversário, é somente para poucos que eles ligam, visitam ou comparecem à festa de aniversário. Esse dado nos leva ao mesmo ponto em comum com os outros dois itens citados acima: a interação mais próxima, aquela que vai além da mensagem de texto felicitando pelo site, é com os amigos cujo laço é mais forte. E esses amigos, mais uma vez, são aqueles que estão relacionados a um contexto anterior ao Facebook.

Já a lista “Melhores Amigos” comprova que eles interessam-se pelo que dizem ou fazem aqueles com quem têm uma relação de laço forte. Como uma forma de filtrar tudo que recebem no Facebook, os usuários demonstram, com a utilização dessa lista, que preferem receber conteúdo ou buscá-lo entre os seus amigos que fazem parte daquele menor grupo com quem interagem fora do site. É mais uma comprovação de que a relação de amizade offline é adaptada para o online, e não um indicativo de que há uma nova configuração dessa relação a partir dos sites de redes sociais.

Esses três aspectos identificados como expressões de um código da amizade, analisando sob a ótica da interação no Facebook, têm em comum o fato de que a amizade é sempre marcada pela relação de mais longo prazo, estabelecida através da troca de conteúdos frequentes em interações diversas. E geralmente esses amigos são poucos, bem diferente da quantidade de “amigos” listados no Facebook, por exemplo. Nesse site, existe a possibilidade de mais interação com mais gente, porém, essa interação não garante a existência de uma relação de amizade.

Como o foco desta pesquisa estava em localizar a amizade – como experimentada pelos indivíduos e descrita pelas Ciências Sociais num contexto anterior ao Facebook – dentro de um site de rede social, em que todos estão conectados pelo que se chama “amizade”, não foi analisada a possibilidade de uma relação como essa surgir e se manter através do site, partindo,

posteriormente, para interações face a face. Foi realizada aqui a investigação do caminho do offline para o online e possíveis impactos reversos. Isso não quer dizer que não exista a possibilidade de ocorrer o contrário, de uma amizade começar pelo site de rede social e, a partir da interação com os conteúdos trocados, seguir em direção ao contato offline até que o tempo e a frequência possibilitem constituir a “pura relação”, a amizade como descrita por Giddens e pelos entrevistados, que citam, como o autor, a intimidade no âmbito dessa relação. Mas o ponto principal da constatação desta pesquisa é que a relação online só existe porque uma relação mais forte, offline, existiu antes.

Por outro lado, há dois aspectos observados nesta pesquisa sobre a interação no ambiente online desse site de rede social que estão se estendendo sobre a interação offline, por isso mesmo importantes de serem destacados aqui.

O primeiro deles, também notado no depoimento dos entrevistados, diz respeito a como os temas e assuntos dos conteúdos compartilhados no Facebook estão sendo levados para o offline ou se estendem a partir do online para o offline. No primeiro caso estão situações como desacordos sobre atitudes no online, por exemplo, excluir ou bloquear um participante. Nota-se que, mesmo tendo definido parâmetros para aceitar amigos em sua rede no site, muitos usuários ainda têm dúvidas sobre como lidar com situações atípicas. Para os amigos, enviam ou aceitam pedidos de amizade sem restrições; para conhecidos, é feita uma avaliação, mas nada impede que, no futuro, eles possam ser excluídos. Já para situações como um conflito, uma discussão ou um comportamento considerado inadequado por uma das partes, os usuários têm dúvidas sobre o impacto de uma atitude como excluir a pessoa para a relação offline. E para esse tema não há consenso entre os participantes. Alguns acreditam que o que é feito no online vale também para o offline; outros discordam; e ainda há aqueles que consideram dois mundos, duas relações completamente distintas. O fato é que essa etiqueta de comportamento, ou “netiqueta”, ainda provoca muitas dúvidas e desentendimentos entre os usuários do Facebook. E é freqüente encontrar pessoas discutindo situações como essa numa mesa de almoço, num encontro de amigos, numa mesa de bar etc. O comportamento online tornou-se pauta da relação de amizade offline.

Há também os casos em que as atualizações, o conteúdo compartilhado no site, facilitam a interação no offline. Dando pistas sobre gostos musicais, lugares visitados, atividades pessoais e profissionais, os usuários vão criando um repertório que possibilita fazer desses temas assuntos para uma abordagem fora do site. Um dos entrevistados citou que para conversar com pessoas com quem trabalha e que estão entre seus amigos do Facebook costuma usar os assuntos e opiniões compartilhados por essas pessoas no site. Na falta de um conhecimento mais profundo sobre o que a pessoa gosta, aonde vai, o que pensa, essas pistas ajudam a estabelecer o diálogo, colaboram para facilitar a interação. Mas isso vale principalmente para a relação com aquelas pessoas que não são os amigos cuja relação é de longa data e para com os quais existe um alto grau de afinidade e até intimidade.

O segundo aspecto diz respeito à utilização do espaço como local da memória da amizade. Com a possibilidade de compartilhar fotos principalmente, nota-se que os usuários estão fazendo do Facebook um repositório das memórias, das lembranças da amizade. Muitos compartilham fotos antigas, comentam sobre a época passada, lembram situações vividas juntos e com muita frequência compartilham toda e qualquer foto feita nos últimos anos. Depois de um encontro à noite com fotos, compartilham num álbum no Facebook; depois de uma festa de aniversário com fotos, compartilham também; sempre que viajam juntos ou comparecem a um evento, logo em seguida compartilham as fotos feitas nessas ocasiões. E é dessa forma que os álbuns no Facebook tornam-se apoio à memória da relação entre dois ou mais amigos ou entre um grupo de amigos. As fotos ficam disponíveis para serem acessadas a qualquer momento e, mesmo as mais antigas depois de compartilhadas, também podem, a qualquer tempo, serem trazidas de volta com um comentário ou um “curti”.

Nos grupos dentro do site também é bastante evidente como aquele espaço se tornou um espaço de memória. Tanto pelos reencontros possibilitados pela tecnologia quanto pela frequência e interação constante dos amigos mais próximos, como em um dos grupos observados nesta pesquisa. Nele, as interações são diárias e mais de uma vez ao dia, fazendo com que o grupo torne-se uma extensão da interação face a face, pois todos, ou quase todos, os assuntos

vivenciados e discutidos no offline são levados para o online, e vice-versa. Nesse exemplo, o grupo tornou-se quase que um repositório das ações cotidianas de todos os amigos participantes, que informam onde estão ou estiveram, o que estão fazendo, onde almoçaram, agendam encontros, compartilham fotos feitas no dia e em ocasiões passadas etc. Isso os mantém em contato permanente e ao mesmo tempo cria no site um histórico de quase todas as ações que envolveram aquelas pessoas, por isso considerado um espaço de memória, de lembranças.

O levantamento apresentado acima representa uma tentativa de compreender a linguagem correspondente à expressão do sentimento da amizade dentro das interações que ocorrem num espaço em que as relações são mediadas pelo computador. Como já afirmado antes nesta pesquisa, nesses ambientes as pessoas ainda buscam referências para estabelecer relações sociais, como a amizade. Geralmente, essas referências encontram-se nos ambientes externos aos da internet, nos contextos relacionais existentes antes do surgimento do Facebook ou de qualquer ferramenta apropriada para a comunicação na rede mundial de computadores. De comum em ambos os casos está a linguagem, que permite o compartilhamento de códigos – símbolos, referências, sinais etc – que fluem entre o offline e o online, e vice-versa, algumas vezes buscando adaptar-se ao meio, pois são esses códigos que permitem as trocas e a interação no interior de qualquer relação e na expressão dos sentimentos. E é certamente o que está ocorrendo com a expressão da amizade em um site de rede social como o Facebook. Embora conectados todos sejam amigos, a referência de amizade para quem está online só existe porque, antes, existiu a amizade nos ambientes offline.